

DOSSIÊ TEMÁTICO

Educação do Campo em Perspectiva Latino Americana

DOI: 10.22481/praxis.v13i26.2828

**“CHAMA A RODA” NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL:
O CÍRCULO DE CULTURA REINVENTADO NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA**

"Flames the wheel" in the Agricultural Family's School of Santa Cruz do Sul: the circle of culture reinvented in the pedagogy of alternation

"llama la rueda" en la Escuela Familia Agrícola de Santa Cruz del Sur: el círculo de cultura reinventado en la pedagogía de alternancia

Cheron Zanini Moretti

Universidade de Santa Cruz do Sul – Brasil

Cristina Luisa Bencke Vergutz

Universidade de Santa Cruz do Sul - Brasil

João Paulo Reis Costa

Universidade de Santa Cruz do Sul - Brasil

Resumo

Este é um artigo feito a várias mãos e que tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem existentes na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) a partir da sua particular experiência e da recepção da Pedagogia da Alternância à luz da epistemologia freiriana. Trazemos falas de educandos/as e educadores/as dessa escola que são decorrentes do processo de sistematização de informações que, no presente trabalho, recebem tratamento, percepções e indagações que são frutos do envolvimento no cotidiano escolar. Faz-se um percurso de constituição histórica dessa pedagogia e a sua recepção na EFASC seguindo para a reflexão sobre a relação ensino-aprendizagem apontando para uma educação contextualizada na região do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul. A *roda* se apresenta como espaço pedagógico dialógico que contextualiza e problematiza as relações humanas, sociais e produtivas dos povos do campo buscando a transformação da realidade. Entende-se que: cada sujeito é único e é valorizado em sua inteireza; a Pedagogia da Alternância se fundamenta nos componentes do “vivido-pensado” na busca pela transformação; cada sujeito, implicado no processo alternante, educa-se em comunhão; ensinam e aprendem em sua diversidade, nunca como desiguais – (re)conhecendo-se como *sujeitos do campo*; e educar-se significa “ler crítica e criativamente o seu próprio mundo”. Dessa forma, os instrumentos pedagógicos construídos pela/na EFASC reinventam a Pedagogia da Alternância ao apoiar-se em Paulo Freire. Superam, com isso, a caracterização da roda como sendo um simples método. E, ao fazê-lo, assumem a existência de um legado tanto metodológico quanto epistemológico.

Palavras-chave: Círculo de Cultura. Escola Família Agrícola. Pedagogia da Alternância.

Abstract

This is a multi-authored article whose principal objective is to present some reflections on the process of teaching and learning found at the Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), under the light of its singular experience and based upon the theory of pedagogics of alternation according to Paulo Freire's epistemological interpretation. We bring together conversations with teachers and

students that are part of this school, a habitual tool for the process of information systematization that, in the following research, receives its correspondent treatment. These conversations are perceptions and inquiries that are the results of the school day to day. Beginning with a historical introduction of this pedagogic theory and its reception at the EFASC, we draw some reflections on the relationship between teaching and learning, with the aim to achieve a contextualized education model, always close to its geographical location, the Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul. The “circle” of conversations appears as a pedagogical and dialogical space that contextualizes and problematizes human relationships, as well as social and economic interactions amongst the countryside inhabitants that are looking for a social transformation. We understand that every single person is unique and should have a wholesome appreciation. On the other hand, the pedagogics of alternation is based upon the components of “experienced” and “thought” in the search of transformation. Each human being that is implicated in this process is being educated in communion. They teach and learn as part of their diversity, never as uneven. They see themselves as countryside human beings and education means being able to critically read their own world. This is the way pedagogical tools built by/at the EFASC reinvent pedagogics of alternation and owe so much to Paulo Freire’s point of view. Finally, this is how they overcome a simple characterization of the circle as a common conversation method. In doing this, students and teachers become aware of a legacy built upon methodological as well as epistemological strengths.

Keywords: Culture Circle. Agricultural Family School. Pedagogy of Alternation.

Resumen

Este es un artículo hecho a varias manos y que tiene como objetivo presentar algunas reflexiones sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje existentes en la Escuela Familia Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) a partir de su particular experiencia y de la recepción de la Pedagogía de la Alternancia a la luz de la epistemología freiriana. Traemos conversaciones de educandos/as y educadores/as que se derivan de un proceso de sistematización de informaciones que, en el presente trabajo, reciben tratamiento, percepciones e indagaciones que son fruto de la participación en el cotidiano escolar. Se hace un recorrido de constitución histórica de esa pedagogía y su recepción en la EFASC siguiendo para la reflexión sobre la relación enseñanza-aprendizaje apuntando hacia una educación contextualizada en la región del Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul. La rueda se presenta como espacio pedagógico dialógico que contextualiza y problematiza las relaciones humanas, sociales y productivas de los pueblos del campo buscando la transformación de la realidad. Se entiende que: cada sujeto es único y es valorado en su entereza; La Pedagogía de la Alternancia se fundamenta en los componentes del “vivido-pensado” en la búsqueda por la transformación; Cada sujeto, implicado en el proceso alternante, se educa en comunión; Enseñan y aprenden en su diversidad, nunca como desiguales - (re) conociéndose como sujetos del campo; Y educarse significa “leer crítica y creativamente su propio mundo”. De esta forma, los instrumentos pedagógicos construidos por la EFASC reinventan la Pedagogía de la Alternancia al apoyarse en Paulo Freire. Se superan, con ello, la caracterización de la *rueda* como un simple método. Y, al hacerlo, asumen la existencia de un legado tanto metodológico como epistemológico.

Palabras clave: Círculo de Cultura. Escuela Familia Agrícola. Pedagogía de la Alternancia.

Introdução

Buscamos apresentar algumas reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem existentes na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) a partir da experiência e da recepção da Pedagogia da Alternância à luz da epistemologia freiriana. Nesse sentido, não

apenas valorizamos a presença das ideias pedagógicas de Paulo Freire mas, também, as suas pré-ocupações com o processo de construção do conhecimento. Considera-se, ainda, que tanto os temas de estudos como os instrumentos pedagógicos na/da alternância produzidos na escola pesquisada, integrando conhecimentos e saberes advindos da prática cotidiana dos educandos/as com os dos educadores/as. De um modo geral, a análise da realidade tem a sua origem temática, tanto propostas pelos educadores/as quanto elas podem ser substituídas e/ou originadas na alternância *tempo-espaço* com a família dos/das educandos/as, bem como no trabalho na propriedade rural familiar.

Dessa forma, antes de se perguntar *como* educar os/as jovens camponeses/as no ensino médio técnico, os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância e os construídos na/pela EFASC se pré-ocupam em “(...) partindo das experiências, dos conhecimentos deles, [...] fazê-los passar de seu conhecimento espontâneo, pouco organizado, pré-crítico, a um conhecimento mais organizado e crítico” (ANDREOLA, 1993, p. 32).

Para Freire, especialmente em suas experiências de alfabetização de adultos, a origem do conhecimento não estava reduzida às questões meramente técnicas-metodológicas, mas numa questão de fundo que “é a capacidade de conhecer, associada à curiosidade em torno do objeto”¹ a ser conhecido. Ou seja, parece-nos válida a compreensão de que o conhecimento

[...] exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda busca constante. *Implica em invenção e reinvenção*. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o ‘como’ de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1982, p. 34, grifo nosso).

Assim, a realização da *roda* em diferentes momentos e em diferentes instrumentos pedagógicos, elaborados na Pedagogia da Alternância praticada pela/na EFASC, se articula e se materializa no diálogo e na superação da dicotomia educador/a-educando/a, pois o papel do educador/a não é negado na ação dialógica, assim como são valorizadas as experiências existencial e cultural dos/das educandos/as, junto às suas famílias e comunidades.

Compreendemos, ainda, a Pedagogia da Alternância enquanto uma pedagogia que tem na educação contextualizada do campo ponto de partida relevante na construção do conhecimento. Este entendimento deve-se à diversidade do uso do termo em diferentes esferas, movimentos, instituições e programas, tais como: Casas Familiares Rurais (CFR), Escolas Comunitárias Rurais (ECOR), Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR), projetos e propostas de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

Terra (MST), Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (PRONERA), de Cursos de Licenciatura em Educação do Campo, entre outras. A Pedagogia da Alternância na EFASC é entendida como práxis emancipatória, em oposição à natureza excludente e elitista da pedagogia tradicional dominante que nega e/ou ignora os saberes vividos, partilhados e experienciados pelos estudantes e suas famílias ao longo de sua existência. A mesma se dá no movimento dialético da denúncia e do anúncio da realidade do meio rural associado a perspectiva da horizontalidade dos saberes de experiência feito e dos técnico-científicos, na busca pela efetivação de um processo educativo libertador.

No transcorrer desse texto, trazemos falas dos/das educandos/as e dos/das educadores/as da EFASC decorrentes do processo de sistematização de informações para uma dissertação de mestrado realizada nessa Escola Família Agrícola que, no presente artigo, receberam outro tratamento, interpretações e indagações que são frutos do envolvimento das pesquisadoras e do pesquisador nesse cotidiano escolar. Assim, analisa-se a experiência empírica da *roda de diálogos* na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul aproximando-a dos Círculos de Cultura¹ de Paulo Freire, porém como reinvenção e legado. Como enunciado, anteriormente, buscamos apresentar algumas reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem existentes na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) a partir da sua particular experiência e da recepção da Pedagogia da Alternância à luz da epistemologia freiriana.

O texto caminhará inicialmente na descrição da constituição histórica dessa pedagogia e a sua recepção na EFASC seguindo para a reflexão sobre a relação ensino-aprendizagem apontando para uma educação contextualizada na região de abrangência da escola, o Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul¹. Entende-se, ainda, que a Pedagogia da Alternância está associada a uma “práxis educativa” que emerge em espaços e instrumentos pedagógicos tramados em interrogações, reflexões e ações potencializando relações educativas dialógicas, como a *roda* (círculo), em defesa de uma educação humanizadora para quem vive no campo (FREIRE, 1982, 2011a, 2011b). Nesse caso, em especial, como sendo um legado da epistemologia freiriana e da reinvenção de um método.

“O aprender a perceber o que está a sua volta”¹: constituição histórica e pedagógica da EFASC

Na década de 1930, decorrente da inquietude e da insatisfação de um jovem francês

chamado Yves Peyrat, de 13 anos, filho de agricultores, com a sua escola e as aprendizagens nela estabelecidas, surge a Pedagogia da Alternância. O diálogo do pai deste jovem, Jean Peyrat, com o pároco do vilarejo em que viviam, demonstra isso: “Ele tem nojo da escola superior. (...) Cada vez que ele deve ir à escola aparecem novas lamentações. Entretanto parar de estudar aos 13 anos é lamentável!” (TANTON, 1999, p. 98). De acordo com Tanton (1999), a desmotivação para continuar frequentando a escola se encontra na falta de valorização do meio rural, pois trabalhavam-se questões descontextualizadas com as relações sociais e produtivas que as famílias agricultoras que ali se estabeleciam.

Buscando uma educação fundamentada na relação de saberes da vida cotidiana dos trabalhadores do campo e os saberes historicamente construídos pela humanidade, ou seja, entre os agricultores/as pais e mães desses jovens e o legado cultural civilizatório, mais a importante presença de setores progressistas da igreja católica, inicia-se uma experiência pedagógica de alternar espaços e tempos, numa instituição chamada de Casa Familiar Rural, na origem francesa, ou Escola Família Agrícola, na origem italiana. A Pedagogia da Alternância vai se constituindo, com o passar do tempo, numa ferramenta importante para se garantir as melhores possibilidades de permanência de jovens em seu meio e, com isso, a promovê-los e desenvolvê-los integralmente juntamente com seus pais e em suas comunidades. De acordo com Gimonet (1999), em sua origem, está o propósito de formação e preparação para atuação profissional. Fora das estruturas escolares ou mesmo sem uma referência pedagógica inicial, os agricultores criaram bases da educação de seus filhos e filhas centrada na (...) responsabilidade dos pais e das forças sociais locais (...). Eles inventaram uma fórmula escolar baseada na Pedagogia da Alternância que induz uma partilha do poder educativo entre os atores do meio, pais e os formadores da escola. Em 1935, eram quatro jovens (...), no ano seguinte dezesseis jovens (...), dois anos mais tarde eram quarenta estudantes. Os agricultores, pais desses jovens agruparam-se numa associação, fizeram um empréstimo bancário e usaram o próprio financiamento para comprarem uma casa (...) a Casa Familiar de Lauzun e contrataram um formador. (GIMONET, 1999, p. 40-41).

No Brasil, a história da Pedagogia da Alternância inicia pelas mãos de missionários italianos que direcionaram suas ações para um trabalho eclesial de base relacionando questões sociais às de doutrina cristã. Em 1969, surge a primeira Escola Família Agrícola (EFA), no Estado do Espírito Santo, denominada de EFA de Olivânia, no município de Anchieta¹, num contexto marcado pela expropriação e pauperização do povo camponês capixaba imerso nas concepções da Revolução Verde que consolidava, em favor da modernização do campo e da

agricultura, a compreensão da sabedoria dos sujeitos desse meio cultural como atrasada e dispensável ante aos avanços tecnológicos.

As primeiras iniciativas de criação de EFAs no Espírito Santo se desenvolveu junto aos agricultores, empobrecidos pela política do intervencionismo econômico estatal que excluía a agricultura familiar em detrimento da grande empresa agrícola moderna (...) Para operacionalizar o projeto EFA, cria-se o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES, que é fundado em abril de 1968 como entidade civil mantenedora, filantrópica e sem fins lucrativos. Uma organização de inspiração cristã, sensibilizada pela situação grave de crise econômica e social que passavam os agricultores do sul daquele estado (...) A experiência inicia, tendo como referência inspiradora as escolas de alternância da Itália e como apoiadores financeiros, entre outros, a Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo – AES – uma ONG criada na Itália para ajudar no processo de implantação e manutenção (das EFAs) (...) São criadas três EFAs de uma só vez, no ano de 1969, quais sejam: Olivânia, Alfredo Chaves e Rio Novo do Sul. (BEGNAMI, 2004, p.4)

Em meados da década de 1970, por tanto, avança a expansão da Pedagogia da Alternância para outros estados brasileiros através de intercâmbios em Casas Familiares Rurais e Escolas Famílias Agrícolas. Essa pedagogia apresentava-se enquanto alternativa popular aos povos do campo. Este movimento aproxima e coaduna com os ideais de outros movimentos de resistência e ações de pastorais cristãs tendo aproximações, a partir dos anos de 1980, também com os movimentos de luta pela reforma agrária e por políticas públicas para o campo e seus sujeitos. Em virtude destas articulações a Pedagogia da Alternância no Brasil apresenta a sua constituição histórica entrelaçada pelos vínculos populares de aproximação com os ideais freirianos presentes nos processos contra toda a forma de desumanização, em especial, na sua organização pedagógica de reflexão e ação *na e da* realidade política, social, econômica, cultural e histórica. (MORETTI, CORRÊA, VERGUTZ, 2016).

A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul¹ foi fundada em 2009, a partir de uma concepção de escola, atendendo aos jovens filhos e filhas de agricultores de diversos municípios do Vale do Rio Pardo¹, com o intuito de refletir e de agir a partir das necessidades de uma região que se apresenta como a quarta maior produtora de tabaco no Brasil, com predominância da agricultura praticada em pequenas propriedades, com base de mão-de-obra familiar¹. De acordo com Costa (2012) e Pozzebon (2015), pode-se observar três momentos determinantes do processo histórico de constituição da EFASC:

a) o envolvimento de um grupo de profissionais identificados com a

educação do campo e com as causas sociais e conscientes das necessidades da região; b) a presença da Cooperativa SICREDI Vale do Rio Pardo que garantiu o financiamento para o processo de implantação e manutenção inicial da escola, promovendo uma intensa discussão da proposta com seus associados (agricultores), envolvendo-os no processo e promovendo a articulação institucional, agregando o poder público local (prefeituras), cooperativas, associações, sindicatos e demais entidades representativas da Agricultura Familiar na região para sustentar política e financeiramente a escola; e c) o desenvolvimento de um intenso intercâmbio do grupo de monitores com as EFAs do ES, de MG e da BA, contando com a colaboração de Sergio Zamberlan na formação da equipe de monitores. (POZZEBON, 2015, p.77).

A EFASC foi construindo um processo de compreensão dos sujeitos implicados na experiência educativa de alternância entre tempo-espço *no* e *com* o mundo, na boniteza do reconhecimento de *seres fazedores de história* e, por isso, de intervenção neste mundo. Neste sentido, a sua Pedagogia da Alternância, seguindo preceitos de uma educação humanizadora fundamentada na partilha e na diversidade de saberes em busca da emancipação dos sujeitos e do seu contexto, se apresentou como sendo um desafio problematizar o contexto do Vale do Rio Pardo. Em síntese, refletir sobre seus arranjos produtivos, sua organização social e econômica desde a realidade da vida material e subjetiva dos sujeitos.

Possibilitar que o/a jovem perceba o contexto a sua volta e sua presença ou ausência nele a partir da compreensão de historicidade das relações como construção humana e não como determinação associado a consciência do inacabamento como experiência vital e base da permanente busca pelo “ser mais”, na epistemologia freiriana, implica ver que o *mundo não é*, pois “o mundo está sendo” (FREIRE, 1996, p. 76). Tal compreensão se materializa na fala de uma jovem da EFASC:

Aprender nessa escola significa pra mim, enxergar o que antes não se enxergava e perceber tudo que está a nossa volta. Conhecer a propriedade que antes vivíamos, mas não sabíamos o que nela existia, pois não me interessava conhecer a comunidade e município e enxergá-los de outra forma. Perder a timidez que antes era um grande obstáculo para mim e mudar também a opinião de meus pais para que aprendam comigo através da Pedagogia da Alternância tudo que aprendo na escola. (MICAELA HISTER, Diário de Campo, 2012).

É essa fé, essa crença neste sujeito que se aceita e aceita os outros como *legítimos outros*, sujeitos de partilha e de esperanças, numa relação horizontal de humildade e de confiança recíproca que habilita o *diálogo* como importante ferramenta para que, de forma crítica se transformem e se mudem as situações de opressão, como as de invisibilidade do homem e da mulher do campo, de falta de valorização e de autonomia da agricultura familiar

(VERGUTZ, 2013). Busca, por tanto, romper com a lógica excludente a qual vem sendo submetida a Educação do Campo no Brasil, incluindo o fechamento de escolas e/ou a precarização extrema das escolas que ainda permanecem nesse meio¹.

“Ter voz, mas também saber ouvir”¹: a construção de conhecimentos na EFASC

O processo de ensinar e aprender na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul acontece seguindo instrumentos pedagógicos¹ construídos na sua caminhada histórica em busca da coerência entre os pilares que a caracterizam e a fundamentam: Associação Local, Pedagogia da Alternância, Formação Integral e o Desenvolvimento do Meio¹.

A Pedagogia da Alternância tem na sua origem histórica o organizar-se metodologicamente pela *pesquisa-ação e participante* por compreender a *ação* como uma dimensão constitutiva própria, articulando o processo de ensino-aprendizagem na relação teoria e prática. Essa pedagogia “parte da experiência da vida cotidiana (familiar, profissional, social) para ir em direção à teoria, aos saberes dos programas acadêmicos, para, em seguida, voltar à experiência, e assim sucessivamente” (GIMONET, 2007, p. 16). Revela-se aí toda uma sabedoria construída pelos/as agricultores/as familiares e sua capacidade de observação participante da realidade ou, como disse Paulo Freire, sobre “saberes de experiência feitos” (FREIRE, 2011b).

Nesse sentido, a finalidade dos instrumentos pedagógicos construído na/para a Pedagogia da Alternância apresenta-se como uma estrutura de trabalho que visa a formação integral dos e das jovens no movimento da alternância entre os tempos e os espaços distintos de ensino-aprendizagem, além de registrar tanto os caminhos da alternância como a orientação pedagógica dos sujeitos envolvidos nesse processo. Através dos instrumentos pedagógicos se é possível perceber que a Pedagogia da Alternância se fundamenta na cooperação e na partilha do poder na educação, já que “a alternância diversifica e multiplica os co-formadores: pais, responsáveis, mestres de estágios e tutores, monitores e outros intervenientes, mas também os alternantes do grupo” (sic) (GIMONET, 2007, p. 31). Quando uma jovem da EFASC, afirma que:

Quando a gente está em casa os nossos pais são os nossos professores também porque ali também ocorre uma grande troca de conhecimento, porque eles têm muito a ensinar com as experiências deles e nós, tudo que a gente aprende na escola. Quando aplica em casa acabamos ensinando a eles. (MAIARA WERNER, Diário de Campo, 2012).

Então, pode-se identificar a importância que os instrumentos pedagógicos em que a família é diretamente envolvida explicita o caráter cooperativo e de co-partilha na produção do conhecimento no tempo-espaço na propriedade rural.

Os instrumentos pedagógicos, além de assumirem a característica de registro das experiências das alternâncias, se estruturam potencializando a pesquisa, a curiosidade, o diálogo, a experimentação, a troca, a expressão oral (em *colocação em comum*, por exemplo) - além da sistematização do viver, do trabalho e do respeito aos diferentes saberes e outras relações existentes na humanidade dos sujeitos aprendentes. Uma organização pedagógica alternada de espaços e tempos está associada a exigência de “não ser somente uma simples observação do ambiente, mas uma implicação da sua parte para agir onde se encontra” (GIMONET, 2007, p.112). A relação entre *ação-reflexão* na alternância entre o tempo-escola e o tempo-propriedade é compreendida, na Pedagogia da Alternância da EFASC, pela fala de um jovem estudante, como sendo uma experiência tempo-espaço de transformação da ação em ideias e, novamente, as ideias em ação, uma vez que,

Trata-se de uma educação onde se leva os conhecimentos adquiridos a partir da realidade e também as dúvidas para sala de aula e lá transformamos essas ideias com os monitores e colegas (...) é o sistema de alternância, que consiste em estar uma semana em casa, realizando práticas e experiências na propriedade e a outra na escola. (EZEQUIEL CHRISTMANN, Diário de Campo, 2012).

É, portanto, um processo educativo que se materializa *com* os sujeitos e não *sobre* ou *para* os sujeitos. Do ponto de vista da produção do conhecimento, trata-se de uma epistemologia conscientizadora, qual seja: uma epistemologia que considera a *conscientização* um processo de conhecimento que se realiza na relação dialética entre o homem/mulher e o mundo. Esse conhecimento não pode existir fora da *práxis*, ou seja, “sem o ato ação-reflexão” (FREIRE apud ANDREOLA, 1993, p. 37).

Na experiência da *pedagogia da alternância* na EFASC, pode-se dar ênfase ao diálogo entre educador-educando e a sua própria realidade. Trata-se de um diálogo que operacionaliza a partilha das experiências e saberes possibilitando o refletir e, dessa forma, o participar e o agir criticamente. De forma dialética, como explica Freire, o “educador e educando (liderança e massas), cointencionados à realidade, se encontram, numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvela-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento” (2011a, p. 77-78). Logo, trata-se de um diálogo que proporciona o refletir e o

agir pelo encontro amoroso e reconhecedor do outro como *legítimo outro* com experiências e saberes diferentes. Nas palavras de Freire, o *diálogo* “é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado” (2011a, p. 109). É, também, a fé/crença, a confiança e a esperança em *si* e no *outro* para que, através da escuta e da fala, haja a partilha de saberes. Portanto, o diálogo se apresenta como um *processo dialético-problematizador* no qual, ocorre a troca de experiências cotidianas e os sujeitos refletem sobre si e sua situação-limite¹, ampliando a leitura de mundo porque se (re)afirma o compromisso com uma proposta pedagógica crítica e uma educação libertadora e emancipadora. “Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto” (FREIRE, 1978a, p. 10).

O diálogo é, portanto, potência do *pensar* crítico-problematizador tanto quanto o *agir* no mundo; é troca e partilha de situações concretas da vida cotidiana e não práticas ou situações apenas pensadas por agentes externos que impõem a sua verdade. Trata-se de compreender o processo educacional como um espaço permanente de perguntas, de constante problematização, de investigação, de criação e recriação de si e do mundo. Conforme Paulo Freire, o conhecimento construído no diálogo é conquista do mundo por um sujeito em específico para um fim comum:

[p]orque o encontro de homens (sic) que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns e outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens (sic). (2011a, p. 110).

A Pedagogia da Alternância da/na EFASC tem a sua organização pedagógica balizada em momentos de escuta e de fala, momentos de pesquisa, de busca e de investigação, de momentos de socialização e de trocas associadas a uma concepção educativa dialógica que pressupõe o respeito aos sujeitos no *diálogo* que implica “dizer a sua própria palavra e pronunciar o mundo”. Aqui há a possibilidade concreta de ser “efetivada a partilha da responsabilidade da família no processo educativo do jovem (...) todas as ações são compartilhadas em comum entre escola – família – comunidade”. (CALIARI, 2002, p. 84). Os momentos de escutas, de perguntas e de falas assumem-se como a essência de uma educação para a prática da liberdade, problematizadora, desafiadora e conscientizadora. A força do diálogo é identificada nas falas dos jovens estudantes da EFASC ao afirmarem que:

Aprender nesta escola significa ter voz, mas também saber ouvir. (MAIARA WERNER, Diário de Campo, 2012).

A própria forma de ver, de pensar é diferente. A gente tem que ver o diferente. A gente acaba vendo essa outra forma, como é, onde nós estamos, como nós estamos situados neste mundo, a gente não tem só uma visão pra frente, para o futuro. A gente acaba tendo uma visão para os lados, onde nós estamos, o que a gente pode usar, a gente escreve o nosso caminho. (JARDEL MALEITZKE, Diário de Campo, 2012).

A ação dialógica que se apresenta na Pedagogia da Alternância da EFASC é relevante na estruturação da dinâmica das aulas, seja na sua forma de debates, de encontros, de participação ativa, de reconhecimento do *outro* e das relações com *este outro*. Observa-se que, não raras vezes, as salas de aulas na EFASC passam a ser sinônimo de lugar de encontro. E, “neste lugar de encontro não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens (sic) que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 2011a, p. 112). Uma relação educativa embasada na confiança, como relata um monitor/educador da EFASC:

A EFASC possibilita esse tempo, essa vivência juntos, essa criação de vínculos, de amizades, que acabam tornando-se conversas e, dentro dessas conversas os conteúdos, e essas conversas se tornam interessantes porque a conversa de um amigo é sempre interessante porque tem confiança. (ADROALDO DE OLIVEIRA, Diário de Campo, 2012).

“Chama a roda”: reinvenção e legado freiriano

A crença e a confiança no *outro* se materializa na EFASC através da *roda*. Ela “*é a liga que dá para a EFASC*” (GUILHERME PICK, Diário de Campo, 2012.), nas palavras de um jovem estudante. Ela se apresenta como um instrumento de expressão e de diálogo em diferentes momentos do processo de aprendizagem no cotidiano escolar. A *roda*, numa perspectiva dialógica, possibilita que os sujeitos se olhem, se enxerguem, se percebam e se reconheçam enquanto entes partícipes do mesmo processo educativo. A *roda* provoca questionamentos, tais como: Onde começa a roda? Onde termina a roda? Quem ocupa lugar de destaque na roda? Quem se esconde na roda? Quem lidera, na roda? Enfim, a *roda* pressupõe igualdade na ocupação do espaço e de *pró-vocação* ao diálogo entre seus sujeitos.

Na rotina diária da EFASC, a *roda* é considerada um espaço pedagógico que potencializa o conhecimento, não somente a partilha de saberes. Seu formato geométrico

circular, em que todos se veem, facilita a expressão individual dentro de uma coletividade; a parte se compreende no todo. Ela acontece a cada refeição, isto é, nos momentos em que os/as estudantes e os monitores/as formam o círculo, com mãos dadas, para socializar informações diversas e agradecer¹ às múltiplas dimensões da vida. A *roda* também acontece dentro da sala de aula e sempre é formada quando alguém do grupo considera que seja pertinente, o que aparentemente deve tratar de resolução de conflitos, constrói conhecimentos. Conforme Tião Rocha, educador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, a *roda* possui uma pedagogia própria e privilegia tanto o diálogo como a “não-exclusão” dos sujeitos. E, a “matéria-prima de todo o processo de aprendizagem são as pessoas – seus saberes, fazeres e querereres – pois educação é algo que só acontece no plural. Cada um é sujeito da aprendizagem com suas diferenças e experiências de vida, contribuindo com sua formação e a dos demais componentes da roda, em um espaço horizontal e igualitário” (CPCD, 2017, s/d).

Segundo os estudantes da EFASC, “*a roda acontece de manhã, de tarde, de noite e quando é necessário, quando há problemas ou há coisas para se falar*” (GEOVANE SCHAEFFER, Diário de Campo, 2012). Chama-se *roda* porque é nela “*onde podemos explorar a verdade*” (JARDEL MALEITZKE, Diário de Campo, 2012) e “*falar coisas boas e coisas ruins*” (BETINA RISTOW, Diário de Campo, 2012). Para os estudantes, a roda “*é um lugar onde se pode compartilhar, onde se tem diálogo*” (ÉVERTON BRUM, Diário de Campo, 2012). Para haver diálogo, é preciso ter “*uma intensa fé nos homens. Fé no poder de fazer e refazer. De criar e recriar*”, conforme explica Freire (2011a, p. 112). E, esta disposição ao diálogo perpassa pelo sentimento de amorosidade, de humildade e de confiança que é sentido e vivido pelo grupo de jovens, de educadores/as e familiares da EFASC, nos diferentes momentos de *comunhão*. Conforme explica um jovem da EFASC a roda “*é momento aberto pra gente falar, livre e espontâneo. Não tem porque ter medo ou vergonha*” (DARCI PADILHA DOS SANTOS NETO, Diário de Campo, 2012).

Esta relação educativa dialógica, a que emana confiança e potencializa a participação e o envolvimento dos/das jovens estudantes, está presente no cotidiano da escola e é fruto da sensibilidade do grupo de monitores e monitoras. Como relata um jovem:

Vou dar um exemplo de como surgiu a roda na nossa primeira aula de Ciências Humanas e Sociais. Todos nós estávamos sentados um atrás do outro. E o professor João perguntou pra todos de onde vínhamos, e chegou uma hora que perguntou pra mim: ‘Darci tu poderia me dizer onde está o Airton, teu colega?’ E eu fui me virar pra poder ver onde ele estava na sala, mas o professor disse ‘Não! Me responde sem virar, onde tá o Airton? Quem é o Airton, da onde ele vem, onde ele

mora, quantos anos ele tem? Pode me falar isso?’ Ai eu disse, não professor não tem como. E daí ele explicou se a gente tá sentado em roda, quando o Airton falar eu vou poder ver ele, vou poder enxergar, e vou poder me lembrar do que ele disse e se a gente tá sentado em fila eu nem ia saber quem era o Airton. (DARCI PADILHA DOS SANTOS NETO, Diário de Campo 2012).

A *roda* também se entrelaça na realização de outros instrumentos pedagógicos dentro da rotina pedagógica da EFASC. Um exemplo disso é o *Plano de Estudos* que se caracteriza como pesquisa participativa no contexto socio-familiar e que acontece na semana de “sessão familiar”. Os resultados e as informações encontradas e sistematizadas da/na pesquisa são socializados na semana de “sessão escolar” através de outro instrumento pedagógico, a *Colocação em Comum*. Essa socialização ocorre entre o grupo de estudantes e de monitores e monitoras organizados em *roda* num dos ambientes da EFASC. Esse é o momento em que se dá um diálogo de diferenças, comparações, informações e debates sobre as experiências individuais de cada estudante que se tornam reflexivas.

Entende-se que a *roda* é parte de um processo cooperativo, já que as experiências individuais, ao serem partilhadas, possibilitam reflexões sobre as experiências vivenciadas, por tanto coletivizadas. Essas experiências, tanto percebidas na alternância como refletidas nas rodas são experiências transformadas, ressignificadas tanto individualmente quanto apropriadas coletivamente. (THOMPSON, 1981). Assim, ouvindo, interagindo e compartilhando com os demais há possibilidades de modificar e amplificar as experiências de maneira cooperativa, além de associadas as ações no campo do ensino-aprendizagem. Como afirma o jovem estudante EFASC:

Na Colocação em Comum, quando um fala da propriedade, de suas experiências a gente pensa e vê também que dá pra fazer na nossa propriedade e quando é a gente que apresenta outro colega vê coisas que a gente não tinha visto antes e a gente aprende mais. (GEOVANE SCHAEFFER, Diário de Campo, 2012).

Na *roda* da EFASC se materializa a questão da fé no outro, do acreditar e da esperança de que não é “no isolamento, mas na comunhão entre os homens (sic)” (FREIRE, 2011a, p. 114) que os sujeitos se percebem como sujeitos ativos e que se fortalecem para mudar a realidade. Isto exige uma relação educativa em que o educador estabelece sua práxis a partir da compreensão de mundo em que o educando está inserido, pressupondo uma compreensão da realidade concreta deste sujeito- e não uma compreensão de mundo imposta pelo educador, a sua própria, como sendo a única e a verdadeira. Para Paulo Freire, “a educação

problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens (sic) vão percebendo, criticamente, como estão *sendo* no mundo *com que e em que se acham*” (2011a, p. 100), o que justifica a fala de um dos jovens sobre a relação educativa com os monitores e as monitoras: *“há um diálogo muito aberto com os monitores (sic), não tem sentimento de medo de que os monitores irão repreender”* (GEOVANE SCHAEFFER, Diário de Campo, 2012).

Identificamos e compreendemos que se encontra uma relação educativa que nega a imposição do conhecimento pelo outro, ou seja, de que há aquele ou aquela que sabe mais ou melhor que o outro. Trata-se de uma relação educativa na qual o conhecer está intrínseco com o transformar-se e o transformar o mundo e as relações. E isto se dá pela partilha de saberes estabelecida no assumir-se do educando e do educador como formadores legítimos de um processo fomentado na igualdade e, ao mesmo tempo, na diversidade de saberes, como explica um dos monitores: *“na EFASC é diferente, na Pedagogia da Alternância é diferente, nunca uma aula é igual a outra, nunca um processo tá pronto. Existe um processo contínuo de estudo, de aprendizagem. Isto te motiva, isto motiva o jovem”* (ANDERSON PETRY CORRÊA, Diário de Campo, 2012).

Contudo, essa participação e esse envolvimento dos/das jovens estudantes nos diferentes espaços pedagógicos articulados pelos seus diferentes instrumentos é progressivo e a *roda* revela isto, pois o que mais incomoda os jovens na *roda* é o silêncio, *“o silêncio às vezes é ruim”* (BETINA RISTOW, Diário de Campo, 2012) diz uma jovem estudante. Mas, esse silêncio também é respeitado pelos jovens que compreendem a individualidade dos sujeitos pois *“cada um tem um jeito de ver a roda, tem gente que fala porque entende que roda é pra se expressar, vai de cada um”* (JARDEL MALEITZKE, Diário de Campo, 2012). Assim, o que poderia ser lido como “cultura do silêncio”, sem negá-lo, é ressignificado como respeito ao tempo de “dizer a sua palavra”.

Paulo Freire fala da necessidade do silêncio, às vezes “desconcertante”, a fim de quebrar o processo tradicional de aprendizagem no qual espera-se a “incidência do discurso do educador” (2011b, p. 63). Tal incidência implica em afirmar uma relação educativa opressora na qual os estudantes oprimidos aguardam as orientações do mesmo, pois estão reduzidos a “coisas” que, portanto, podem ser “manipuladas” conforme interesses outros que não o seu próprio ou do grupo a que pertence. Assim, ao se “coisificar” o educando/a, estabelece-se uma relação de dominação: *“não será no antidiálogo que romperemos o silêncio camponês, mas sim com o diálogo em que se problematize seu próprio silêncio e suas causas”*

(FREIRE, 1982, p. 49, grifo nosso).

A *roda*, nas trilhas da epistemologia freiriana, tanto pela sua estrutura circular, aberta e potencialmente democrática e libertadora associada a uma concepção de educação humanizadora, provoca uma participação com engajamento, um *quefazer* na qual o diálogo potencializa a relação educador/a-educando/a enquanto sujeitos cognoscentes diante de situações e objetos cognoscíveis, que mediatizados pelo mundo. Na fala de um jovem da EFASC: “na roda não tem algo que se esbarre, ela não tem começo nem um fim, ninguém é maior que ninguém, não tem nada separado, não tem divisão, tem igualdade, tem respeito, de ver e sentir o outro, a presença do outro” (JARDEL MALEITZKE, Diário de Campo, 2012).

Exatamente por essa dimensão de partilha e aprendizados em todas as vivências desses estudantes na escola e em casa com sua família, bem como na comunidade com seus vizinhos, se forja uma perspectiva de construção de saber, calcada na horizontalidade das relações, juntando os múltiplos saberes, ligados pela vivência dos sujeitos. Então, “por isso nos permitimos afirmar, que toda tentativa de hierarquizar os saberes é ilegítima e indefensável sobre qualquer prisma de análise, o saber está nas pessoas, no que estas vivenciam e acumulam ao longo de suas vidas, daí a inesgotabilidade do conhecimento” (COSTA, 2012, p. 130).

Nesse contexto, a *roda* como experiência pedagógica transformada, nascida das necessidades do diálogo, traz uma dimensão educativa de radicalidade pela comunicação horizontal dos sujeitos envolvidos. Certo assim, que “a educação vai ser essencialmente um ato político-pedagógico e Paulo Freire nos ensina muito bem isso (...), apresenta o diálogo como o método, possibilitando as trocas de saberes e vivências, é ele o meio que possibilita a reflexão sobre as diferentes situações, ampliando as leituras de mundo. (VERGUTZ; COSTA, 2015b).

Considerações finais

Compreender o diálogo como problematizador da práxis educativa na Pedagogia da Alternância, na EFASC, nas trilhas freirianas enquanto fenômeno social em que a palavra se apresenta como algo mais do que um meio, mas como dimensão da reflexão e da ação, “dizer a palavra verdadeira [é] transformar o mundo” (FREIRE, 2011a, p. 107). A *roda*, como articuladora desta relação educativa dialógica, nos mostra que é possível lutar por uma educação humanizadora e libertadora do Campo no Vale do Rio Pardo. Pautada por uma

formação humana, social, ética e política, alicerçada na coletividade e na resistência pela possibilidade de transformação das relações, envolvendo os sujeitos do Campo fazedores de sua própria escola, essa experiência nos remete à vocação transformadora da Educação Popular. A Pedagogia da Alternância recebida e ressignificada na EFASC é, por si só, um legado freiriano, qual seja: a do reconhecimento do movimento dinâmico das pedagogias que se pretendem libertadoras na realidade do educando/a.

A *roda*, assim como o círculo de cultura, deixa de ser um mero instrumento metodológico para ser uma experiência didática em que aprender é “aprender a dizer a sua palavra”. Tomando como referência os fundamentos dos Círculos de Cultura, apresentados por Brandão (2010) e inspirados no “método” Paulo Freire e a sua respectiva epistemologia, identificamos e compreendemos que, na *roda* da EFASC: 1) cada sujeito é único e é valorizado em sua inteireza porque sabe algo a partir de sua experiência individual e da partilha em sua vida social; 2) cada cultura traz sua explicação dentro de seu próprio interior para fora, por isso a Pedagogia da Alternância busca em seu fundamento os componentes do “vivido-pensado” na busca pela transformação; 3) cada sujeito implicado no processo alternante educa-se em comunhão; ensinam e aprendem mutuamente, em sua diversidade, nunca como desiguais – se (re)conhecendo como *sujeitos do campo*, passando assim a valorizar os demais sujeitos em seu redor; e, 4) educar-se significa “ler crítica e criativamente o seu próprio mundo” (BRANDÃO, 2010, p. 70). Dessa forma, os instrumentos pedagógicos construídos pela/na EFASC reinventam a Pedagogia da Alternância ao apoiar-se em Paulo Freire. E, ao fazê-lo, assumem a existência de um legado tanto metodológico quanto epistemológico.

Referências

ANDREOLA, Balduino Antonio. O processo do conhecimento em Paulo Freire. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: Faced/UFRGS, v. 18, n. 1, p. 32-42, jan./jun. 1993.

BEGNAMI, João Batista. Uma Geografia da Pedagogia da Alternância no Brasil. In: **Documentos Pedagógicos – UNEFAB**. Brasília: Cidade Gráfica Editora, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 69-70.

CALIARI, Rogério Omar. **Pedagogia da alternância e desenvolvimento local**. Lavras: UFLA, 2002.

COSTA, João Paulo Reis. **Escola família agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da pedagogia da alternância.** 2012. 226f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/422>>. Acesso em: mar. 2017.

CPCD - **Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento.** Disponível em: <http://www.cpcd.org.br> . Acesso em 17 de maio 2017.

DIÁRIO DE CAMPO. **Anotações Cristina L. B. Vergutz.** Santa Cruz do Sul, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 50. ed., 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 17. ed., 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. In: ANDREOLA, Balduino Antonio. O processo do conhecimento em Paulo Freire. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: Faced/UFRGS, v. 18, n. 1, p. 32-42, jan./jun. 1993.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Tera, 1982.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978a.

FREIRE, Paulo. Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda. In: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 462, p.11, dez. 1978b. Entrevista concedida a Claudius Ceccon.

GIMONET, Jean-Claude. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: As casas familiares rurais de educação e de orientação.** I Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância - Alternância e Desenvolvimento, Salvador, n. 2, Novembro 1999.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARIRRODRIGA, Roberto García; CALVÓ, Pedro Puig. **Formação em alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos CEFFA no mundo.** Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

MORETTI, Cheron Zanini.; CORRÊA, Aline Mesquita.; VERGUTZ, Cristina Luisa Bencke. **Diálogos entre a pedagogia da alternância e a educação popular: possibilidades emancipatórias numa Escola Família Agrícola.** Curitiba/PR: ANPED SUL, 2016.

OSOWSKI, Cecília Irene. Situações-limites. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 375-376.

POZZEBON, Adair. **A Inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo, RS: uma contribuição para o desenvolvimento Rural.** Dissertação de Mestrado – PGDR/UFRGS, 2015.

TANTON, Christian. **Alternância e parceria:** família e meio sócio-profissional. *Pedagogia da Alternância - Alternância e Desenvolvimento.* I Seminário Internacional, Salvador, p. 98-99, 1999.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria:** ou um planetário de erros. Rio: Zahar, 1981.

VERGÜTZ, Cristina Luisa Bencke. **Aprendizagens na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul.** 2013. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/506>>. Acesso em: mar. 2016.

VERGÜTZ, Cristina Luisa Bencke; COSTA, João Paulo Reis. **Educação do campo.** *Jornal Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul. Edição de 02 de out de 2015a.

VERGÜTZ, Cristina Luisa Bencke; COSTA, João Paulo Reis. **Paulo Freire:** educação e contexto. *Jornal Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul. Edição de 21 de set de 2015b.

Dr^a Cheron Zanini Moretti

Doutorada e Mestra no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, na linha de pesquisa: Educação, Trabalho e Emancipação
Professora no Curso de Pedagogia, Departamento de Educação – UNISC
Coordenadora do Grupo de Pesquisa *Educação Popular e Pesquisa Ação-Participante* e vice-líder do Grupo de Pesquisa *Educação, Trabalho e Emancipação* – CNPq
E-mail: cheron@unisc.br

Doutoranda Cristina Luisa Bencke Vergutz

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, na linha de pesquisa: Educação, Trabalho e Emancipação, Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES
Mestra em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC
Pesquisadora integrante dos Grupos de Pesquisa *Educação Popular e Pesquisa Ação-Participante* e *Educação, Trabalho e Emancipação*
Coordenadora Pedagógica na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC
E-mail: cristina.vergutz@gmail.com

Doutorando João Paulo Reis Costa

Doutorando em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC
Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES
Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa em *Desenvolvimento Regional* - GPEDER
Coordenador Institucional e Monitor da Área de Ciências Humanas e Sociais da Escola
Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC
E-mail: joapauloreiscosta@gmail.com

Recebido em: 29 de abril de 2017
Aprovado em: 11 de junho de 2017